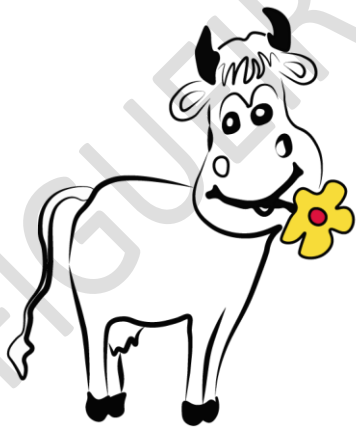


VIDA E MORTE DA VACA MIMOSA

Por Zé Figueiredo



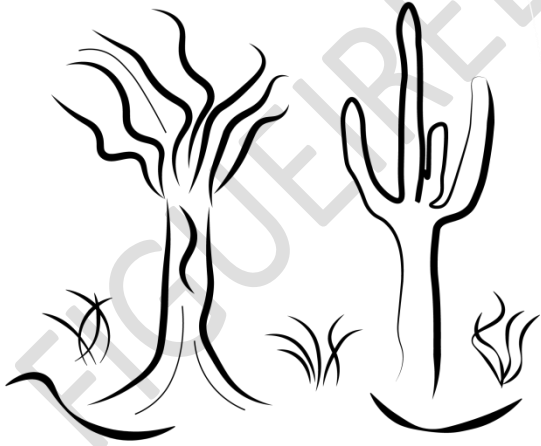
Mimosa era uma vaca produtiva para aqueles tempos e embora tivesse nome clássico da raça holandesa, Mimosa era cruzada, seu pai era um touro Gir. Como todos sabem, os bovinos são divididos em raças e cada raça tem seu status conforme a época. Mais ou menos como é a moda para nós. Mas, Mimosa não precisava se preocupar com isso, já que no estábulo, suas parceiras eram todas cruzadas, o que evitava grandes ostentações por parte daquelas mais arrogantes.

Mimosa já havia criado cinco bezerros cada um com um pai diferente, o que também é muito comum, sem falar na inseminação artificial, uma forma moderna naqueles tempos, mas extremamente sem graça para Mimosa,

já que desconhecia fisicamente o pai de seu bezerro, um certo touro europeu, é o que ela ouvia falar, no bochicho das colegas entre uma abocanhada e outra de capim com torta de algodão no cocho.

Toda manhã, Mimosa chegava ao estábulo para ver seu bezerro e deixar seu leite, que sabia ser sustento para muitas pessoas, já que seu filho não teria condições de mamar todo aquele líquido mágico branco, que partilhava orgulhosamente. Tinha um lugar preferido no cocho e todos os dias parava para se deixar ordenhar sempre na mesma baia.

Os anos passavam, Mimosa envelhecia e naquele ano a seca no cerrado caiu como se fosse uma nuvem de gafanhotos. De pasto verde tudo se tornou amarelo, como amarelo é o sol daquela estação, de um amarelo seco que até parece sombra. As brachiarias foram os únicos capins que ainda suportavam a falta de chuva, mas seus ramos eram áridos, amargos e finos. Nunca fora uma grande refeição, havia capim bem mais suculento como um ramo jovem de colonião, mas naquela penúria, não havia como rejeitar. A silagem de milho estava no fim, e o cocho era cada vez mais escasso.



Uma manhã, Mimosa não conseguiu erguer-se. Tentou, mas as patas traseiras não ajudaram. Caiu com um baque seco que levantou poeira daquela terra árida. Ali ficou. Seu bezerro certamente berraria solitário em seu cercado, o único a ficar preso naquela manhã longe de sua mãe. Nesta terra, não são somente os humanos que sofrem, mas todo vivente carrega uma pesada cruz e com Mimosa não seria diferente.

O Encarregado montou seu cavalo que estava amarrado em um pau de cerca, deu rédea para que sua montaria marchasse em passos rápidos para encontrar a única faltante daquela manhã fria e dura. De longe, com sua experiência, já avistara Mimosa deitada,



tentando em vão se levantar. Apeou ao seu lado, perguntou a ela o que havia acontecido, como se gado falasse, como se Mimosa pudesse despejar naquela seca manhã toda sua dor, seu sofrimento e a saudade que sentia de seu bezerro. Estava magra, mal nutrida, era o efeito da idade agravado por aquele período seco que castiga o cerrado.

O Encarregado então pegou Mimosa pelo rabo aproveitando sua talvez, vigésima tentativa em levantar, e mesmo com o embalo das patas traseiras, de nada adiantou. Mimosa embora magra, era pesada. Fazendo um carinho no focinho da vaca, o Encarregado pegou o cavalo e foi buscar um balde de água e um pouco de capim.



Chegando, ajeitou o balde de forma que Mimosa pudesse beber aquela água fresca e ela bebeu muito. Depois, colocou o capim na sua frente para que comesse, mas Mimosa já havia perdido o apetite. Não estava doente, estava fraca, e o Encarregado então, administrou um soro por via venosa, na tentativa de fortificar Mimosa. Enquanto aquela gotinha caía uma a uma, viajando em direção à veia por aquele canudinho plástico, o Encarregado segurando o frasco ainda pela metade, pensava como poderia enfrentar todo aquele prejuízo que a falta de chuva lhe traria. Certamente o vestido vermelho com rendas brancas que Maria queria, teria que ficar para o outro ano. Quantas Marias teriam que esperar seus vestidos

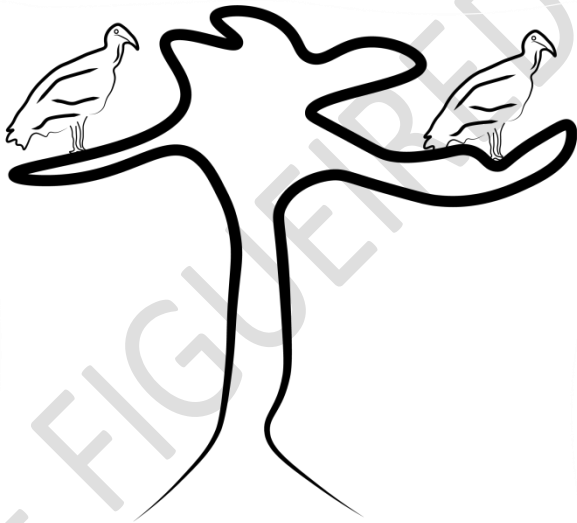
de seda ou de chita por tantos motivos outros, que este mundo embaralha sem a menor cerimônia. Não há escolha, pegue o que é seu e faça o que der para fazer e não jogue fora as sobras porque, amanhã a carência poderá voltar.

Se este ato fosse teatro, a plateia se cansaria da repetição do mesmo ato, deste balde de água fresca que acompanha um capim ou milho com a tentativa de levantar Mimosa, que a cada dia mais fraca ficaria, como de fato ficou.

O Encarregado permanecia sentado ao lado da Mimosa, como se fosse um acompanhante em um hospital, conversando com ela, que nada respondia, já que gado não fala, jogando

conversa fora. Embora aquele animal fizesse parte de um plano empresarial, o Encarregado sentia uma tristeza inexplicável, um sentimento de fraqueza e impotência ao ver Mimosa definhando solitária naquele pasto seco. Seu bezerro que já estava encartado, sendo adotado por outra vaca do curral, aos poucos esquecia o cheiro agradável e único de sua mãe.

Naquela manhã, quando o Encarregado chegou com seu balde de água fresca e toda tralha costumeira, sentiu um leve arrepio ao avistar dois urubus calmamente pousados em um galho. Sabia que a hora de Mimosa havia chegado. Os urubus parecem não se divertir com a situação, agem como profissionais chamados pela natureza, já que não vivem apenas comendo carne morta. São calmos e eficazes, mas em alguns casos praticam uma espécie de eutanásia por conta própria.



Mimosa não tinha aparelhos a serem desligados, um balde de água fresca não podia faltar até que fosse expirado o seu último suspiro. No cerrado, há dignidade na morte de um animal, o Encarregado não deixaria de assistir Mimosa até o fim. Era como uma obrigação natural, daquelas que já nascemos com elas, uma ordem que palpita em nosso peito, faça, ou, não faça.

O Encarregado coçou a cabeça acendendo vagarosamente um cigarro de palha que carrega no bolso da camisa, quem o visse naquele momento poderia entender que fosse um parente esperando do lado de fora de uma UTI. Sua binga falhou três vezes antes de aparecer um fogo amarelado. A mão em concha escondendo da brisa mansa que

varria aquele pasto seco, para não apagar a chama, na base um pouco azulada. Binga boa, havia ganhado de seu pai que também era fumante, de pai para filho. Herança é sempre herança, o amor na coisa deixada não está no valor material e sim no significado. Sempre que acendia seu cigarro parecia ver seu pai em sua frente. O que ele faria com a Mimosa, pensou quieto. Havia ajudado seu pai em muitas situações semelhantes, e ele havia seguido o ritual, era assim que deveria ser feito. Sorriu por um segundo. Há tempo para gargalhar, tempo para rir e sorrir. Chorar a qualquer hora, porque a vida não avisa de suas tramas, pegando todos de surpresa.



Agachou perto da Mimosa que estava com a cabeça encostada no chão, uma lágrima escorreu vagorosamente dos olhos da vaca e o Encarregado passou rapidamente a mão pelos seus, como se não estivesse sozinho naquele sertão seco e bravo. Poderia chorar até perder o fôlego, ninguém o escutaria, mas mesmo assim, se manteve controlado. Quantas mortes de animais já havia assistido? Perdera a conta. Aqui se nasce, aqui se morre. Havia beleza naquela morte da Mimosa. A aceitação, o silêncio, a solidão, o céu azul por cobertura e a cama de capim seco que a amparava e a separava do chão quente. Há dignidade nesta morte, pensou quieto.

Não podia sair de perto, porque outros urubus já estavam chegando, como que para um congresso. Sisudos como são eles. Um trabalho interessante, dissolvem o corpo em uma semana, o que sobra são ossos e o couro. Os ossos deixados ali, vagarosamente vão se tornando cada vez mais brancos. Quando moleque, perguntara para a professora de catequese se vaca tinha alma e acabou ficando de castigo. Resolveu então esquecer esse negócio de alma, quando morresse certamente ficaria sabendo.

Ouviu um suspiro profundo e percebeu que Mimosa havia morrido. Chegou até ela, sentou perto, passou a mão entre os chifres e a acariciou, fez o sinal da cruz pegando todas as tralhas, inclusive, o

balde e as cordas, montou em seu cavalo e voltou trotando para o retiro. De longe, ainda deu uma olhada para trás e viu que os urubus haviam iniciado outro ritual. Cada um a seu tempo, pensou.

Apressou, lembrara que precisava esperar Maria que havia ido fazer a compra do mês na cidade e assim, foi deixando um rastro de poeira no tropel gostoso e suave de seu cavalo, pensando em seu avô quando o repreendia por ele ter sido grosseiro com sua mãe ou seu pai, que então dizia segurando com força em seu braço fino: lembre-se menino que somos poeira e para a poeira retornaremos, então abaixe esse nariz.



ZÉ FIGUEREDO

Se você conseguiu chegar até o fim,
obrigado.

Zé Figueiredo

<https://www.facebook.com/ze.figueiredo.5>